

ESTRUTURAÇÃO SILÁBICA E PROCESSOS FONOLÓGICOS NO INGLÊS E NO PORTUGUÊS: EMPRÉSTIMOS E AQUISIÇÃO

Myrian Azevedo de Freitas¹

Aurora M. S. Neiva²

myfreitas@ufrj.br

aneiva@ufrj.br

RESUMO: Falantes cariocas utilizam as mesmas estratégias fonotáticas tanto na nativização de empréstimos do inglês como no processo de aquisição de inglês como LE. As diferenças de estruturação silábica entre as duas línguas respondem em grande parte pela escolha feita pelo aluno em seu desempenho oral e pelo falante na adaptação de empréstimos do inglês. Este trabalho restringe-se ao exame de processos fonológicos que envolvem constituintes da coda e ataque silábicos e que se mostraram relevantes na análise de mecanismos de nativização de empréstimos e na identificação de marcas de sotaque de estrangeiro na fala de brasileiros aprendizes de inglês. Conclui-se que o molde silábico da língua portuguesa se impõe em ambos os casos, direcionando as escolhas tanto do aprendiz, como do falante usuário do empréstimo, quando se deparam com um molde silábico não contemplado no português brasileiro

PALAVRAS-CHAVE: estrutura silábica; processos fonológicos; estratégias de nativização; inglês língua estrangeira; fonologia de empréstimos.

INTRODUÇÃO

Este trabalho versa sobre as estratégias em comum utilizadas por falantes brasileiros em duas situações distintas: na adaptação de empréstimos do inglês para o português e em seu desempenho oral enquanto aprendiz de inglês como língua estrangeira, constituindo-se num dos principais fatores que caracterizam o seu sotaque de estrangeiro. A abordagem aqui se restringe às estratégias que advêm da necessidade de lidar com as diferenças do inglês e do português quanto à estruturação silábica.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Partindo da observação de dados provenientes tanto da análise de empréstimos do inglês no português, quanto da produção oral de alunos de inglês como LE, foi observado um paralelismo entre as estratégias adotadas para a nativização de empréstimos e aquelas aplicadas pelo aprendiz em sua fala, tornando-a diferente da pronúncia do nativo. Outro objetivo deste artigo é corroborar a importância da sílaba enquanto unidade estrutural, a partir da identificação de processos fonológicos nos dados do *corpus* que afetam os segmentos dependendo de sua posição na sílaba, e constituem violações a restrições fonotáticas de superfície, ou seja, às regras de boa formação que regem o número de elementos admitidos em cada uma das partes constituintes da sílaba, sua natureza e ordenação.

O enfoque da questão ficará restrito ao exame de processos sensíveis à constituição silábica que afetam segmentos consonantais em posições marginais da sílaba, ou seja, no ataque e na coda. Cabe, portanto, um rápido exame prévio da sílaba e dos padrões silábicos admitidos no inglês e no português, antes de ser apresentada a análise dos dados propriamente dita.

1. A SÍLABA

A sílaba, como unidade fonotática, é constituída por um ou mais segmentos, compreendendo um núcleo obrigatório de natureza vocálica e margens opcionais consonânticas, isto é, ataque e coda.

A contagem do número de sílabas em qualquer língua não se revela uma tarefa complexa, visto que cada vogal coincide com uma sílaba. O problema maior reside em determinar as fronteiras silábicas, por dois motivos. Em primeiro lugar, o número de segmentos admissíveis nas margens, esquerda (ataque) ou direita (coda), varia de língua para língua; além disso, ainda que duas línguas admitam o mesmo número de segmentos nas margens, a natureza e a seqüenciação de tais segmentos podem divergir.

Embora haja uma escala de sonoridade que traduz a tendência universal a um crescendo de sonoridade em direção ao núcleo silábico, as línguas se distinguem consideravelmente no que diz respeito às regras de silabação que permitem, inclusive, sob condições específicas, contrariar a referida tendência. Nesta escala, os segmentos soantes (nasais, líquidas e glides), que evidenciam uma sonorização espontânea,

ocorrem preferencialmente mais próximos do núcleo do que os obstruintes (fricativos, oclusivos e africados).

Definir sílaba é uma das tarefas mais complexas do ponto de vista fonético e não há acordo entre os foneticistas quanto à sua conceituação. É certo, porém, que a sílaba é uma unidade temporal de produção de fala, sujeita à influência do ritmo e da velocidade de enunciação que podem interferir na duração dos segmentos que a compõem, bem como propiciar a ocorrência de processos de redução que podem cancelar elementos. Certo, também, é que há uma sílaba fonológica, cuja estrutura pode não corresponder diretamente à sílaba fonética em virtude da operação de regras alofônicas, que podem vir a desencadear procedimentos de ressilabação. No entanto, é na camada fonética que estão presentes as pistas que levam tanto o falante da língua tomadora de um determinado empréstimo quanto o aprendiz de uma LE a realizar, inconscientemente, suas análises e que podem justificar sua escolha por uma dada constituição silábica em detrimento de outra.

1.1 ESTRUTURAÇÃO SILÁBICA DO PORTUGUÊS

No nível fonológico, o molde silábico do português admite, no máximo, dois segmentos nas margens. O ataque silábico, formado por uma única consoante, é a posição menos restrita: todos os fonemas do português podem ocupá-la, embora, em posição inicial de palavra, as soantes não anteriores /ɲ/ e /ʎ/ não sejam produtivas e /r/ não ocorra:

Exemplos /pa/ /teɾ/ /ka/ /boN/ /toN/ /'gula/
/fiN/ /siN/ /ʃa/ /va/ /'zona/ /ʒa/
/ma/ /'nuɑ/ /'ɲoki/
/la/ /ʎe/ /'kara/ /ɾɛ/

Neste mesmo ataque, porém, as restrições aumentam em se tratando de grupos consonantais. Usando a matriz de traços, proposta para as consoantes do português por Callou e Leite (1990:72), verifica-se que a primeira consoante terá de ser obstruinte e, se [+contínua], deverá ser [+anterior] e [-coronal]; a segunda consoante, por seu turno, terá de ser [+soante], [+contínua] e [+coronal], ou seja:

C₁C₂V onde C₁= /p t k b d g f v/
 C₂= /l r/³

Vale a pena destacar apenas os seguintes fatos:

- o grupo /dl/ constitui uma lacuna no sistema;
- as formações em /vl/ são raras, pouco produtivas e, em geral, ocorrem em empréstimos de língua estrangeira;
- a seqüência tautossilábica /vr/ não ocorre em início de palavra.

Exemplos: /'pRato/ /'tRama/ /'kRaze/ /'fRako/
 /'BRaso/ /'dRama/ /'gRama/ /'liVre/
 /'plaka/ /'atlas/ /'klave/ /'flanko/
 /'bloko/ /'glote/ /vladi'miR/

Na coda silábica, as restrições de ocorrência aumentam consideravelmente. No nível fonológico, esta posição, se preenchida por uma única consoante, poderá ser ocupada por uma soante nasal, sem especificação para traços de ponto de articulação, tradicionalmente um arquifonema nasal consonântico, (*cf.* Camara Jr. 1973b: 30), por uma soante lateral coronal ou por uma soante contínua não nasal e não lateral (a chamada vibrante múltipla). Das obstruintes, só podem figurar nesta posição as coronais /s, z/ ou /ʃ, ʒ/, dependendo do dialeto do falante. Neste caso haveria, na perspectiva tradicional, um arquifonema /S/ (*cf.* Callou e Leite, 1990:69/70). No caso da combinação de mais de uma consoante na coda, as obstruintes se manifestam sempre como as mais distantes do núcleo vocálico e, caso ocorra um *glide* na coda, ele será o segmento mais próximo do núcleo.

Exemplos: /lan/ /mel/ /mes/ /sej/ /sew/
 /'monStRo/ /pERSpeki'tiva/ /'klawStRo/ /pojs/

Do ponto de vista fonético, a estruturação silábica se altera em função de processos fonológicos dialetais que afetam a realização dos segmentos na fala. As observações abaixo se restringem ao dialeto carioca, fonte dos dados considerados neste estudo.

No referido dialeto, poucas são modificações dignas de nota no que se refere ao ataque silábico, exceto pela realização africada das oclusivas /t/e/d/ e pela realização da vibrante /R/ preferencialmente como fricativa velar [x] ou glotal [h]. Na coda da

³Não estão incluídos aqui grupos com glide tendo em vista a divergência de interpretações para estas formações: Bisol (1989) advoga a não ocorrência de ditongos crescentes e interpreta estes casos como fonemas velares labializados: /k^w/ e /g^w/; Camara Jr.(1973b) considera que os ditongos crescentes alternam com hiatos e, assim sendo, teríamos o glide ocupando uma posição de V e não de C.

sílaba, porém, a situação muda consideravelmente. Além da realização da vibrante como fricativa, a exemplo do que ocorre no ataque⁴, a nasal em coda cai após a nasalização da vogal tautossilábica que a precede. Não há, portanto, consoantes nasais na coda silábica fonética. Nesta posição, também não ocorrem laterais, porque o segmento /l/ vocaliza-se e passa a [w], anulando-se os índices fonéticos de diferenciação entre *mal* e *mau*. Quanto à obstruinte coronal, ela será sempre [-anterior] neste dialeto: ou seja, realiza-se como chiante pós-alveolar [ʃ], diante de silêncio ou de consoante surda heterossilábica, e como [ʒ], se esta mesma consoante for sonora.⁵

Exemplos: [sejʃ] [meʃ'klax] ['veʃpə] ['kawʃtʃiku]
 ['vɛʒgu] ['leʒmɐ] [iʒ'lê]

1.2 ATAQUE E CODA SILÁBICOS DO INGLÊS

Nesta breve descrição da sílaba fonotática da variedade padrão do inglês americano chamada de *General American English* (doravante *GenAm*), são enfocadas especificamente as margens de sílaba em duas posições de destaque, contextos em que ocorrem as seqüências mais complexas: o início e o final de palavra. Note-se que, neste particular, o *GenAm* e o português do Brasil, variedade carioca, se diferenciam sensivelmente.

No *GenAm*, o ataque de início de palavra e a coda final admitem um número maior de elementos consonânticos do que o português carioca, ou seja, até três consoantes em ataque e até quatro consoantes em coda de sílaba (*cf.* Prator e Robinett 1985:174; Roach 2000: 71-77; Wong. 2004: 134-136; ⁶), conforme se observa no exemplo abaixo:

strenghts [s t r ɛ ŋ k θ s]
 #C C C V C C C C#

⁴ Em [maráwtu] a vibrante /R/ realiza-se como [r] porque houve uma ressilabação, em contexto de sândi externo.

⁵ Note-se que em [tɾɛj'zɛnuʃ] o segmento [z] surge como resultado de uma ressilabação em sândi externo.

⁶ Enquanto Prator e Robinett (1985) e Wong (2004) descrevem a variedade de inglês aqui enfocada (*GenAm*), Roach (2000) concentra-se no inglês britânico padrão, conhecido como *Received Pronunciation* ou *BBC pronunciation*, esta última denominação a preferida pelo autor. Mesmo em se tratando de dialetos diferentes, quanto à questão do número máximo de elementos em ataque inicial de palavra e em coda final de vocábulo, as duas variedades não se distinguem.

O ataque silábico de início de palavra segue regras restritas quanto à seleção e ao ordenamento dos segmentos consonânticos. Quando as três posições são preenchidas, C1 deve ser obrigatoriamente a fricativa alveolar surda [s]; em posição de C2 só podem ocorrer oclusivas surdas, ou seja [p, t, k]; e C3 é ocupado apenas por líquidas ou *glides*, ou seja, [l, r, j, w]:

# C1	C2	C3
[s]	[p] ou [t] ou [k]	[l] ou [r] ou [j] ou [w]

Quadro 1: Estrutura máxima do ataque em início de palavra em *GenAm*

Além disso, as combinações possíveis destas consoantes também são limitadas. Quando as três posições estão preenchidas, a consoante mais próxima ao núcleo (C3) é uma soante contínua e pode vir precedida imediatamente por uma obstruinte não sonora (C2); a posição C1 só pode ser ocupada, neste caso, por um segmento totalmente especificado em termos de traços: uma obstruinte, contínua, anterior, coronal e não sonora, ou seja, [s].

# C1 + C2	C3	Exemplos	
[sk]	[l] [r] [j] [w]	[skli'rousis] [skræp] [skju:] [skwɛltʃ]	<i>sclerosis</i> <i>scrap</i> <i>skew</i> <i>squelch</i>
[sp]	[l] [r] [j]	[splæʃ] [sprɪŋ] [spju:]	<i>splash</i> <i>spring</i> <i>spew</i>
[st]	[r] ([j])*	[straɪv] ([stju:])	<i>strive</i> <i>(stew)</i>

Quadro 2: Combinações de #CCC em *GenAm*

Quando ocorrem duas consoantes em ataque no início de palavra, há um número maior de combinações possíveis, conforme dispostas no quadro 3 abaixo. Note-se que, se a consoante em C1 é uma fricativa alveolar surda, [s], ampliam-se ainda mais as possibilidades de combinação de segmentos. Neste caso, a posição C2 pode ser ocupada

* Esta combinação só ocorre em algumas variedades padrão do inglês americano. No *GenAm* normalmente este glide sofre apagamento.

por uma soante (exceto a palatal [j] e a velar [ŋ]), por uma obstruente surda não contínua, ou ainda por [f], esta última uma seqüência rara na língua. Quando qualquer outra obstruente diferente de [s] preenche C1, a posição C2 fica restrita a uma soante não nasal, ou seja *glides* e líquidas:

# C1	C2
[s]	[t] ou [p] ou [k] ou [f] ou [l] ou [m] ou [n] ou [w]
[k] ou [g]	[l] ou [r] ou [w] ou [j]
[p] ou [b] ou [f]	[l] ou [r] ou [j]
[t] ou [d]	[r] ou [w] (ou [j]) *
[θ]	[r] ou [w]
[h]	[w] ou [j]
[ʃ]	[r]
[m] ou [v]	[j]
[n]	([j]) *

Quadro 3: Combinações de #CC em *GenAm*

Por último, em coda silábica de final de palavra, como mencionado anteriormente, podem ocorrer até quatro consoantes, multiplicando-se assim, de maneira significativa, as possibilidades de combinações entre elas, conforme registro em Prator e Robinett (1985: 177-179):

CC#	CCC#	CCCC#
65	81	23

Tabela 1: Combinações possíveis de segmentos em coda final em *Gen Am*

Considerando-se que no dialeto carioca do português, em final de palavra, admite-se apenas um elemento em coda, a diferença em relação às possibilidades permitidas no inglês (*q.v.* Tabela 1 acima) constituem um desafio para o aprendiz brasileiro, que recorre a estratégias de adaptação para tornar mais natural sua enunciação oral.

2. ESTRATÉGIAS DE ADAPTAÇÃO SILÁBICA DO APRENDIZ BRASILEIRO DE INGLÊS COMO LE

O aprendiz de uma LE, de nível avançado ou intermediário, por vezes demonstra ser capaz de aplicar regras fonotáticas da língua alvo, mas não de forma regular e consistente. Nota-se, frequentemente, a influência das regras fonotáticas de sua primeira língua; ou seja, o falante não nativo, ao deparar-se com estruturas silábicas estranhas à esta língua, tende a se valer de estratégias de adaptação, tomando por base o que é permitido ocorrer nos componentes da sílaba de sua língua materna. Tal fato acaba contribuindo, sobremaneira, para a formação de seu sotaque de estrangeiro.

No caso do brasileiro carioca, aprendiz de inglês, pode-se constatar o emprego de uma série de estratégias de adaptação que caracteriza seu sotaque nesta língua estrangeira. São abordadas aqui as estratégias mais frequentes de adaptação detectadas em coda e em ataque silábicos na fala de aprendizes brasileiros com nível intermediário de proficiência. A amostragem apresentada neste artigo advém da leitura de um texto, realizada por uma graduanda em Português-Inglês, aluna do quinto período. Embora tenha sido escolhida aleatoriamente de um grupo de aproximadamente 30 alunos, a informante recorre a estratégias que caracterizam o desempenho oral da maioria dos aprendizes cariocas de inglês como LE que jamais tiveram a oportunidade de vivenciar um contexto de imersão plena em uma comunidade anglofalante.

2.1 ESTRATÉGIAS DE ADAPTAÇÃO DE CONSOANTES EM ATAQUES SILÁBICOS

O ataque silábico em inglês admite a ocorrência de até três consoantes, enquanto que, em português, o número máximo é dois. Em ambos os casos há regras fonotáticas específicas e diferenciadas. Para o falante brasileiro, os grupos consonânticos em ataque silábico no início de palavra que podem apresentar maiores dificuldades de pronúncia em inglês são aqueles de dois e três elementos iniciados pela fricativa alveolar surda [ʃ], em virtude de não haver, em português, grupamento consonantal que comece por este segmento. Tal dificuldade pode ser atestada em alguns estudos recentes sobre o tema em que dados de aprendizes brasileiros são examinados (*cf.* Rebello 1997; Freitas e Neiva 2002; Vitória 2005; Cristófaró 2005: 31; Bonilha e Vinhas 2005). A estratégia geral utilizada por falantes brasileiros para adaptar tais grupos consonânticos consiste

em transferir esta fricativa para a posição de coda, admissível em português, através de um dos seguintes procedimentos: 1) inserção da vogal anterior alta, [i], antes da fricativa; 2) ressilabação por sândi externo com vogal final da palavra antecedente.

O falante brasileiro de inglês como LE, de nível intermediário, às vezes consegue articular grupos consonantais iniciados por [s], embora estes grupos firam as regras fonotáticas de sua primeira língua, como ocorreu, em alguns momentos, na fala da informante desta pesquisa. No entanto, na grande maioria dos casos, constata-se que, em tais grupos consonânticos, a fricativa alveolar surda que ocorria na posição C1 em inglês tende a ser transferida para uma posição de coda, através de um dos procedimentos apontados acima, conforme demonstram os dados contidos nos seguintes quadros:

	<i>GenAm</i> ⁷	Aprendiz
<i>style</i>	['stɑɪ ³ l]	[is' tɑjow]
<i>speaking</i>	['spi:kɪŋ]	[is' pikĩ:]
<i>slap</i>	[slæp]	[iz' lɛpɪ]
<i>snow</i>	[snou]	[iz' now]

Quadro 4: Inserção de uma vogal anterior

	<i>GenAm</i>	Aprendiz
<i>the study</i>	[ðə 'stʌrɪ]~[ðəstárɪ]	[destérɪ]
<i>and spelling</i>	[ænd 'spɛlɪŋ]~[ɛnspélɪŋ]	[ẽspéllĩ:]

Quadro 5: Ressilabação por sândi externo com vogal final da palavra antecedente

Dentre os exemplos apresentados, as evidências mais contundentes de aplicação da estratégia de transferência da fricativa alveolar surda para a posição de coda verificam-se nos casos em que o segmento [s] é seguido de consoante sonora, como nas palavras *slap* e *snow* do quadro 4. Nesses contextos observa-se mais claramente a ressilabação do [s] para uma posição de coda, pois o falante aplica a regra regressiva de assimilação de sonoridade, típica do português, que afeta fricativas apenas em codas silábicas. A fricativa, neste contexto, assimila o traço de sonoridade da consoante

⁷ As transcrições em *GenAm* aqui apresentadas foram baseadas em Wells (1990). Foram mantidos os símbolos usados nas chamadas vogais tensas e nos ditongos propriamente ditos, mas foram feitas algumas alterações na representação das vogais frouxas e do *flap*. Nas transcrições da fala da aprendiz adotaram-se os símbolos do IPA atualmente mais usados nas descrições do português carioca, destacando-se, aí, a representação dos ditongos.

seguinte (cf. Bisol, 1999). A presença da fricativa sonora [z] antes de uma consoante sonora é, por conseguinte, indício de que o aprendiz interpretou esta fricativa como um segmento em coda e não em ataque silábico, mesmo que o falante não realize uma vogal epentética antes desta fricativa.

2.2 ESTRATÉGIAS DE ADAPTAÇÃO DE CONSOANTES EM CODAS SILÁBICAS

Semelhante ao que ocorre com os grupos consonantais com ataque iniciado por [s], codas silábicas são um grande desafio para o falante brasileiro, já que, além de admitir apenas um segmento nesta posição, o português carioca permite a ocorrência de um conjunto muito restrito de consoantes, especialmente em final de vocábulo, conforme já apontado. Manifestam-se, neste caso, processos de apagamento e vocalização. Já os procedimentos de epêntese e ressilabação parecem ser condicionados, neste contexto, pelo número total de sílabas da palavra. Tal fato se evidencia claramente na maneira como o aprendiz brasileiro ajusta a estrutura silábica do inglês aos padrões que lhe são mais confortáveis. É o que as próximas seções pretendem demonstrar.

2.2.1 LIDANDO COM CONSOANTES NASAIS EM CODAS SILÁBICAS

Como se sabe, em inglês as três consoantes nasais [m, n, ŋ] ocorrem, de maneira plena, em codas mediais e finais. Já em português, as consoantes nasais são sensíveis à estrutura silábica (cf. Freitas 1992). A consoante nasal em coda silábica não se realiza, pois, do ponto de vista fonético, esta consoante é eliminada após transmitir o traço nasal para a vogal precedente, que fica mais longa. Esta vogal pode, também, sofrer ditongação ou realizar-se juntamente com uma transição consonântica, com o mesmo ponto de articulação da consoante subsequente; neste caso, no entanto, jamais ocorre no português uma consoante nasal articulada plenamente em coda silábica, como acontece no inglês.

A aprendiz investigada demonstrou, em alguns exemplos, ser capaz de produzir plenamente a nasal em coda de final de palavra nos casos de *learn*, *form*, *system* e *even*, realizados como [lɜrn], [fɔhm], [ˈsɪstəm] e [ˈivēn], respectivamente. Note-se, no entanto, que, em nenhum momento, a informante foi capaz de articular plenamente a nasal velar, consoante esta não existente como nasal plena em português.

Contudo, nos demais contextos em que há uma consoante nasal em inglês, a informante adota uma de quatro estratégias de adaptação possíveis, conforme ilustram os exemplos dos quadros a seguir.

	<i>GenAm</i>	Aprendiz
<i>complex</i>	['kɒmpleks]	['kōw ^m pleks]
<i>in paragraphs</i>	[ɪn 'pærəgræfs]~[ɪmpærəgræfs]	[ɪ ^m pé ^r egræfs]

Quadro 6: Tornar a nasal um *glide* de transição

Verifica-se nesses exemplos que a nasal não é integralmente articulada. Esta consoante passa a funcionar como *glide* de transição entre a vogal nasalizada e a consoante oclusiva que se segue, da qual assimila o ponto de articulação, tornando-se a ela homorgânica. A vogal que foi nasalizada pode, por sua vez, ditongar-se, como no primeiro exemplo do quadro 16 acima. Observa-se, além disso, que o *glide* homorgânico de transição pode surgir também em sândi externo, como ocorre no sintagma *in paragraphs* envolvendo a preposição *in*. Note-se que há, em inglês, a mesma possibilidade de assimilação do ponto de articulação da consoante nasal ao segmento seguinte no sintagma mencionado. No caso do inglês, aplica-se um processo fonológico opcional de assimilação que faz com que as oclusivas alveolares orais e nasais assumam o ponto de articulação da consoante seguinte (*cf* Roach 2000:139-140 e Cipollone, Keiser e Vasisht 1998:98-99). Este processo assimilatório tem, no português e no inglês, contexto de ocorrência e resultado semelhante, embora os segmentos afetados não sejam necessariamente os mesmos; além disso, em inglês a nasal é plenamente articulada; ao passo que em português ela se manifesta como um *glide* de transição,

Um outro procedimento envolvendo nasais em coda verifica-se nos exemplos elencados no quadro abaixo:

	<i>GenAm</i>	Aprendiz
<i>writing</i>	['rajrɪŋ]	['rajrī:]]
<i>has become</i>	[hæz bɪ 'kɒm]~[hæzbɪkɒm]	[hæzbiké:]]
<i>construction</i>	[kən 'strækʃən]	[kōs 'trækʃē:]]

Quadro 7: Supressão da nasal com nasalização e alongamento compensatório da vogal da sílaba

Nestes exemplos constata-se que, ao cair, a consoante nasal em coda deixa seus vestígios na vogal núcleo da sílaba, que se torna nasalizada e aparentemente com maior duração⁸. Esta estratégia de adaptação da palavra inglesa às regras fonotáticas do português é altamente produtiva, podendo ocorrer tanto em sílabas no interior de palavras como na última sílaba, seguida de silêncio.

Uma variação deste procedimento depreende-se dos casos listados no próximo quadro em que, ao se apagar, o núcleo vocálico transforma-se em um ditongo nasalizado. Esta estratégia de adaptação é muito semelhante à anterior, pois a ditongação não deixa de ter um caráter compensatório ao conferir maior duração ao núcleo silábico.

	<i>GenAm</i>	Aprendiz
<i>from those</i>	[frəm ðowz 'ɪnrɛstəd]	[frōw dowzɪtrɛstəd]
<i>century</i>	['sɛntʃərɪ]	['sɛjtʃurɪ]

Quadro 8: Supressão da nasal com nasalização e ditongação da vogal da sílaba.

Nem sempre a nasal é suprimida. Em vez disso, pode ocorrer sua ressilabação quando a esta se segue uma vogal ou um *glide* em sândi externo. Através de tal procedimento a nasal deixa de estar em coda e passa a se realizar plenamente no ataque da próxima sílaba, conforme demonstram os exemplos do quadro 9:

	<i>GenAm</i>	Aprendiz
<i>thinking about</i>	['θɪŋkɪŋ əbawt]	[θĩ ^ɔ kĩnabáwt]
<i>on a computer</i>	[ən ə kəm'pjʊ:rər]	[õnakõ ^m pjúter]
<i>or on some other</i>	[ɔr ən sɛm 'ʌðər]	[ɔrõwsõmðer]

Quadro 9: Ressilabação da nasal seguida de vogal ou glide

Note-se que, no primeiro exemplo acima, a aprendiz realizou uma nasal velar de transição na palavra *thinking*, já que a sílaba seguinte é iniciada por uma oclusiva velar, fato este em conformidade com as realizações fonéticas possíveis em português de palavras como *manga* e *anca*. No entanto, ao ressilabar a velar final de *thinking*, passando-a para a posição de ataque da sílaba seguinte, a informante realiza uma nasal alveolar. Vê-se, assim, que a pronúncia das consoantes nasais está fortemente influenciada pelas regras fonotáticas do português brasileiro. O terceiro exemplo é,

⁸ A propósito da duração dos segmentos nasais e nasalizados em português, consulte-se Moraes e Wetzels (1992).

também, digno de nota, pois pode-se observar a utilização de duas estratégias diferentes de adaptação da nasal em coda final. Quando à nasal se segue palavra iniciada por consoante, a falante nasaliza e ditonga a vogal, núcleo da sílaba, suprimindo a consoante nasal. No entanto, quando à nasal se segue palavra começada por vogal, a informante adota a estratégia de ressilabação, transferindo a nasal para o ataque da sílaba seguinte.

Estratégia semelhante é adotada quando a palavra seguinte começa por um *glide* palatal. Neste caso, a aprendiz carioca interpretou este *glide* como vocálico e ressilabou a nasal, tornando-a palatal e ataque de sílaba: *as in European*, [æz ɪn jʊrə'pi:ən] é produzido pela aprendiz como [azĩnjúrop]⁹.

É interessante observar que haveria uma última estratégia de adaptação, possível de acordo com as regras fonotáticas do português que, no entanto, não foi encontrada na fala desta informante. Trata-se da inserção da vogal [ɪ], ou sua variante distensa, [ɪ̃], após a nasal, desencadeando, assim, uma ressilabação: ou seja, a nasal deixaria de estar na coda, passando a assumir a posição de ataque silábico. Neste caso um sintagma como, por exemplo, *has become* assumiria a forma [hɛzbikẽmɪ]. Estratégia semelhante ocorre na fala desta aluna apenas quando a nasal ocorre em final de palavra e é seguida de palavra iniciada por vogal ou glide palatal, operando-se, assim, apenas em sândi externo, conforme visto nos fragmentos de sintagma *as in European* e *or on some other*. Isto talvez se deva ao fato de a aprendiz ter nível intermediário de competência na língua inglesa, já havendo adquirido regras do sistema fonológico da LE, mesmo que apenas parcialmente. Note-se que a aluna já realiza algumas vogais e consoantes que não ocorrem no dialeto carioca do português, como, por exemplo, [θ, ð] e o [r] retroflexo; é às vezes capaz de produzir também, adequadamente, as vogais frouxas [ɪ, ə] do inglês e consegue aplicar, mesmo que de forma ainda incipiente, alguns processos fonológicos da língua inglesa, tais como o processo de *flapping* das oclusivas alveolares em posição intervocálica, o de aspiração de oclusivas surdas finais e a regra de não explosão de oclusivas finais.

⁹ Note-se que a aprendiz confundiu *European* com *Europe*.

2.2.2 ACOMODANDO A LATERAL EM CODA SILÁBICA

Uma outra consoante que ocorre plenamente em posição de coda em inglês apresenta problemas para o falante brasileiro, mesmo para muitos que são fluentes nessa LE. No caso de alunos de nível intermediário de proficiência, verifica-se a sistemática adoção de uma estratégia de produção da lateral em coda segundo as regras fonotáticas do português carioca. Conforme descrito anteriormente, na grande maioria das variedades do português, a lateral não se realiza como tal na coda silábica, ocorrendo, em seu lugar, o *glide* posterior [w]; ou seja, o falante carioca vocaliza a lateral em posição de coda. Ao falar inglês, o carioca recorre a este processo de vocalização, ao deparar-se com uma consoante lateral alveolar em posição de coda na língua alvo. O processo fonológico de sua língua materna torna-se uma estratégia que marca o desempenho oral do aprendiz de inglês como LE. Em todos os possíveis contextos em que a lateral ocorre em coda, a informante investigada vocalizou-a, como podemos verificar nos seguintes exemplos:

	<i>GenAm</i>	Aprendiz
<i>material</i>	[mə'tɪrɪəl]	[ma'tʃɪrɪew]
<i>psychological processes</i>	[saɪkə'lɒdʒɪkəl 'præsəsəz]	[sajkolódʒɪkawprósɛsɪs]
<i>little about</i>	['lɪrɪ ə'bawt]	[lírowabawt ^h]
<i>the skills needed</i>	[ðé skɪlz 'ni:dəd]	[diskíwznídedɪ]
<i>difficult to learn</i>	['dɪfɪkəlt tu lærn]	[dzífikowtʃulærn]
<i>although</i>	[əl 'ðow]	[aw'dow]
<i>involving</i>	[ɪn'vɒlvɪŋ]	[í'vovvĩ:]

Quadro 10: Vocalização da lateral em coda

2.2.3 ADAPTANDO GRUPOS CONSONANTAIS EM CODA SILÁBICA FINAL

Conforme visto anteriormente, a língua inglesa permite um agrupamento de até quatro consoantes em coda de final de palavra, considerando-se a sílaba do ponto de vista fonético. Esta característica da língua inglesa impõe enormes dificuldades para o brasileiro, cuja língua materna permite a ocorrência de apenas um segmento consonântico ao final de sílabas, com restrições muito limitadas quanto à classe de consoantes possíveis em tal posição.

O aprendiz de inglês como LE pode recorrer, basicamente, a duas estratégias de adaptação: 1) suprimir uma ou mais consoantes que não ocorrem em português na posição de coda, diminuindo, assim, o número de segmentos nesta posição da sílaba; ou 2) inserir vogais, desfazendo os grupos consonantais, formando, assim, novas sílabas.

A informante da pesquisa tenta, muitas vezes com sucesso, produzir os grupos consonantais que ocorrem no inglês. Entretanto, frequentemente não consegue articulá-los a contento, recorrendo a uma das estratégias citadas, como demonstram os exemplos nos quadros 11 e 12. Note-se que a epêntese vocálica só ocorre em um item do *corpus*:

	<i>GenAm</i>	Aprendiz
<i>worlds</i>	[wɜrldz]	[wɜrs]
<i>effects</i>	[ɪ'fɛkts]	[i'fɛks]
<i>last feature</i>	[læst 'fɪ:tʃər]	[lasfítʃor]
<i>towards</i>	['tɔrdz]~ [twɔrdz] ¹⁰	[ta 'wars]

Quadro 11: Supressão de consoantes

	<i>GenAm</i>	Aprendiz
<i>tasks</i>	[tæks]	[tɛskis]

Quadro 12: Inserção de vogal

Deve-se observar que, por vezes, a adaptação de grupos consonantais em coda, realizada pelo falante brasileiro de inglês, pode ser atingida em consequência da aplicação de outras estratégias de adaptação de consoantes em coda silábica, como, por exemplo, ao se recorrer às estratégias de adaptação de laterais (cf. quadro 10) e de nasais (cf. quadros 7, 8 e 9). Nesses casos o falante estaria automaticamente simplificando o grupo consonantal das palavras que contêm uma lateral ou uma nasal em um grupo consonantal na posição de coda ao aplicar os processos fonológicos de sua língua materna que afetam tais segmentos e que são sensíveis à estruturação silábica. No caso específico da aprendiz analisada, tais fatos ocorrem, por exemplo, em [diskíwz] (*the skills*) e [viwpójhawévər] (*viewpoint, however*).

¹⁰ Este item lexical pode ser pronunciado de várias maneiras em inglês americano padrão. A variação ocorre na primeira sílaba e não na coda final, que sempre é produzida com três segmentos.

2.2.4 AJUSTANDO OBSTRUENTES NÃO SIBILANTES EM CODA SILÁBICA

O último tipo de dificuldade para o falante brasileiro refere-se à sílabas fechadas em inglês pelas obstruintes não-sibilantes [p, b, t, d, k, g, f, v, θ, ð]. Vale lembrar, como já foi dito anteriormente, que uma restrição fonotática do português veta a ocorrência destas consoantes em coda. As únicas obstruintes permitidas foneticamente em travamento silábico no português são [ʃ ʒ x ɣ h ŋ]. As estratégias às quais o falante brasileiro recorre para lidar com esta dificuldade são as mesmas já apontadas anteriormente: inserção de uma vogal após a obstruinte, formando, assim, uma nova sílaba ou supressão da obstruinte.

A informante em questão demonstra estar em estágio intermediário de proficiência oral em língua inglesa visto ser capaz de produzir uma série de palavras que contêm codas compostas por [k, t, v, p, dʒ]. No entanto, em diversas ocasiões, tende a inserir a vogal [i] ou a vogal frouxa correspondente [ɪ] após a obstruinte, revelando uma provável interferência do padrão fonotático de sua língua materna, como se pode verificar nos seguintes exemplos:

	<i>GenAm</i>	Aprendiz
<i>activity</i>	[æk'tɪvɪtɪ]]	[ɛki'rɪvɪtɪ]
<i>needed</i> ¹¹	['ni:dəd]	['nidedɪ]
<i>five</i>	[faɪv]	[fajvɪ]
<i>Cambridge</i>	['keɪmbrɪdʒ]	['kē ^m brɪdʒɪ]
<i>ideograph</i>	['ɪdɪəgræf]	[ɪdɪ'ɔgræfɪ]

Quadro 13: Inserção da vogal [i] após obstruinte

Quanto à estratégia de supressão da obstruinte, verifica-se que esta teve baixíssima produtividade na fala da informante investigada. Os únicos exemplos de sua aplicação envolviam a mesma obstruinte, a alveolar surda [t], em final absoluto ou

¹¹ O caso do morfema {ed} que contém obstruinte em coda final (quer seja como única consoante na coda, quer seja em grupo consonantal) merece ser tratado com especial atenção. A aprendiz às vezes insere uma vogal depois da obstruinte final, como o fez neste exemplo, mas, especialmente quando o radical termina em oclusiva alveolar, tende a formar grupos consonantais não compatíveis com as regras fonotáticas do português e estranhos a regras de pronúncia deste morfema em inglês como em *intended*, pronunciado [ɪ'teɪdɪt^h]. Registre-se também o fato de a aluna inserir a vogal [e] após o radical terminado nas demais consoantes, quando a regra em inglês não admite tal inserção. Exemplo: *acquired* [a'kwajred].

em sândi externo. Na maioria das vezes, a consoante [t] era articulada quando em final absoluto, tendo a informante, neste contexto, aplicado corretamente um de dois processos fonológicos do inglês americano: a aspiração ou a não explosão da oclusiva surda final. O quadro abaixo contém os únicos exemplos em que houve queda da obstruinte final:

	<i>GenAm</i>	Aprendiz
<i>(The skills needed)_to write range</i>	[təráit reɪndʒ]	[t ^h urájreɪdʒ]
<i>difficult to learn</i>	[ˈdɪfɪlkəlt təlérn]	[dʒífikowtʃulérn]

Quadro 14: Supressão da obstruinte

3. A NATIVIZAÇÃO DE EMPRÉSTIMOS

Embora a nativização de empréstimos possa ocorrer tanto por via oral como por via escrita, em ambas as situações pressupondo um falante bilíngüe como aquele que introduz a forma estrangeira no seu sistema nativo, uma forma só poderá ser considerada como incorporada à língua importadora, isto é, como plenamente nativizada, se seu uso não está mais restrito a falantes bilíngües, mas já ganhou domínio geral e incorporou-se ao vocabulário de domínio de falantes que desconhecem ou têm escasso domínio da língua de origem da referida forma.

O empréstimo pressupõe, como elemento desencadeador do processo, um falante bilíngüe com domínio da língua estrangeira que tenderá a utilizar a forma fonética original mesmo em contexto nativo, embora não fique descartada a possibilidade de que ele aplique a "lei do menor esforço", evitando a mudança constante de código, dando origem desta forma à substituição fonética em graus variáveis, conforme o contexto da enunciação. Uma vez introduzido por um bilíngüe, o empréstimo cai no domínio geral. Delineiam-se assim duas questões relacionadas aos empréstimos: sua via de entrada (oral ou escrita) e a data em que se deu a importação. É problemático, e muitas das vezes impossível, estabelecer a primeira ocorrência real de um empréstimo em dada língua. Da mesma forma, e até certo ponto em decorrência disto, torna-se muitas vezes extremamente difícil estabelecer por qual via penetraram os empréstimos na língua. Estes tópicos são relevantes, pois, diferentemente das palavras introduzidas oralmente, as que entram pela escrita tendem a manter menos inalterada sua configuração original.

Contudo, mesmo neste caso, a datação do empréstimo é complicada, de vez que o primeiro registro escrito não significa que o termo já não viesse sendo utilizado anteriormente na fala.

Se o empréstimo entra por via escrita, pessoas alfabetizadas não bilíngües tendem a interpretar a notação gráfica estrangeira em termos da ortografia nativa, mesmo quando não há dificuldade fonética (*cf.* Bloomfield, 1933). Quando a fonte primária do empréstimo é o texto escrito, freqüentemente registra-se uma pronúncia ortográfica baseada na forma como, em geral, a letra soa na língua importadora. Quando o empréstimo entra de modo simultâneo pela escrita e pela fala, temos duas tendências coexistentes de adaptação: uma resultante de pronúncia viciada (ortográfica) e outra de aproximação fonética (baseada no modelo oral).

Um empréstimo pode ser considerado totalmente adaptado se sujeito às mesmas mudanças e analogias que qualquer outra palavra nativa. Camara Jr.(1973a) considera que há uma adaptação dos empréstimos vocabulares ao sistema fonológico da língua receptora quando sua reprodução fônica se faz de acordo com as regras fonológicas da língua importadora.

No que se refere ao processo de nativização propriamente dito, não há um consenso ao longo da evolução dos estudos fonológicos. Bloomfield (1933) acreditava que o processo envolvia substituição fonética em diversos graus dependendo do falante e da situação. Com a teoria gerativa abstrata, surgiram propostas de usar os empréstimos como evidência substantiva para apoiar determinadas análises abstratas (*cf.* Skousen, 1975 e Hyman, 1970). Os adeptos de uma visão mais concreta alegam que o tratamento abstrato não dá conta da variação causada pela estrutura do *output* fonético. Desta vertente surgiu a opção por restrições de superfície condicionadas por traços fonológicos com conteúdo fonético e por fronteiras superficiais, dentre as quais a sílaba – unidade básica para expressar restrições seqüenciais. Os defensores da linha concreta se colocam, portanto, a favor da sílaba, destacando-se, neste sentido, a proposta de Hooper (1972). A autora reafirma a necessidade de distinguir a sílaba fonética da fonológica, nem sempre coincidentes, de vez que, à medida que se aplicam as diferentes regras fonológicas, a fronteira silábica subjacente desloca-se sucessivamente para conformar-se às novas ambiências, até ser atingido o nível fonético. Deve-se a Hooper (1975) igualmente a proposta de uma hierarquia universal de força pertinente aos segmentos integrantes da sílaba. Segundo esta escala, é possível determinar os

segmentos com maior probabilidade de ocupar o núcleo, o ataque ou a coda silábicos, respectivamente:

MARGEM ESQUERDA	NÚCLEO	MARGEM DIREITA
obstruintes nasais líquidas (<i>menos vocálico possível</i>)	glides vogais glides (<i>mais vocálico possível</i>)	líquidas nasais obstruintes (<i>relativamente menos vocálico</i>)
FORTE	FRACO	FRACO

Quadro 15: Hierarquia universal de força de Hooper (1975)

Recentemente, os empréstimos continuam sendo tema de estudos relacionados a situações de bilingüismo, contato lingüístico e aquisição de segunda língua (*cf.* Paradis e Lacharité 1997; Sankoff 2001)

3.1 OS DADOS DE EMPRÉSTIMOS DO INGLÊS NO PORTUGUÊS E SUA ANÁLISE

Os dados em que se baseia esta análise limitam-se a empréstimos recentes e de uso corrente no português atual, à exclusão daquelas formas que o falante não mais percebe como empréstimos. Tratam-se, portanto, de empréstimos cuja origem ainda é evidente, coletados a partir de jornais e revistas de ampla circulação no Rio de Janeiro, tais como *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *Veja* e *Isto é*. Além disto, são considerados apenas os dados de entrevistas com informantes cariocas adolescentes ou adultos¹², sem conhecimento ativo da língua inglesa¹³ e, no mínimo, com o Ensino Fundamental completo, aos quais foi solicitada a leitura de recortes extraídos dos meios de comunicação acima citados.

Os resultados obtidos a partir do exame dos dados demonstra o uso tão somente de dois procedimentos básicos para a adaptação dos empréstimos, sempre que sua constituição silábica de origem não se enquadra nos padrões canônicos do português: (a) inserção de vogal anterior alta ou (b) queda de um segmento consonântico marginal, conforme exemplificação a seguir.

¹² A faixa etária coberta vai dos 14 aos 40 anos.

¹³ Tendo em vista a ampla difusão da língua inglesa em nosso universo cultural, não é possível asseverar que os informantes, mesmo sem terem tido qualquer contato formal com o inglês, não tivessem alguma consciência de como as palavras soavam originalmente, em virtude de terem-nas ouvido em músicas de rádio, no cinema, etc.

3.1.1 ESTRATÉGIAS EMPREGADAS EM ATAQUE SILÁBICO DO TIPO #C1

Em início de palavra, a posição de ataque silábico preenchida por apenas uma consoante é um tipo silábico comum tanto ao inglês quanto ao português e, assim sendo, sua adaptação não constitui um problema, exceto em três situações.

A primeira ocorre quando a posição é preenchida por uma consoante não permitida no português, seja no nível fonológico, seja no fonético (como forma variante de uma unidade subjacente). Em tais casos, dá-se sua substituição por um segmento semelhante do português, com o qual partilhe boa parte da matriz de traços.

Exemplos: *GenAm*¹⁴ Forma nativizada
thriller ['θrɪlɚ] → ['trɪlex] ou ['frɪlex]
rush [rʌʃ] → [xʉʃ] ou [huʃ]
rock [rɔk] → ['xɔkɪ] ou ['hɔkɪ]

A segunda situação dá-se quando a posição de ataque silábico inicial é preenchida por [tʃ] ou [dʒ]. Neste caso a consoante pode ser produzida conforme o original ou substituída por outro segmento se a interpretação se fez com base na escrita, uma vez que no dialeto carioca estas africadas são alofones de /t/ e /d/ quando seguidos de vogal anterior alta.

Exemplos: *GenAm* Forma nativizada
gentleman ['dʒɛntəlmən] → ['dʒɛtəwmẽ] ou ['ʒɛtəwmẽ]
jogging ['dʒɔgɪŋ] → ['dʒɔgĩ:] ou ['ʒɔgĩ:]
jazz [dʒæz] → [dʒɛʃ] ou [ʒɛʃ]

Note-se a não ocorrência de formas alternantes nas seguintes adaptações, nas quais a via de entrada torna-se irrelevante para o contexto ora em foco:

Exemplos: *GenAm* Forma nativizada
ticket ['tɪkɪt] → ['tʃɪkɛtʃɪ] ou ['tʃɪkɪ]
team [ti:m] → ['tʃimɪ]

A terceira situação refere-se à posição de ataque inicial preenchida em inglês por um /h/, de vez que será interpretado como uma realização possível da vibrante no português, se incorporado a partir da forma oral, ou omitido, se a entrada se dá pela escrita, porque a letra <h> em início de palavra não corresponde a som algum no português.¹⁵

¹⁴ Pode haver variação quanto ao dialeto do inglês que foi fonte do empréstimo, mas para efeito de comparação, manteremos o *GenAm* como referência primeira.

¹⁵ A realização como alofone da vibrante é muito mais freqüente.

Exemplos:	GenAm	Forma nativizada
<i>hall</i>	[hɑl] ~ [hɔl]	→ [xɔw] ou [ɔw]
<i>hamburger</i>	['hæmbərgər]	→ [ẽ 'buɣgɛx]
<i>hippie</i>	['hɪpɪ]	→ ['xɪpɪ]
<i>hostess</i>	['houstɪs]	→ [ɔʃ 'tɛsɪ]

3.1.2 ESTRATÉGIAS EMPREGADAS EM ATAQUE SILÁBICO DO TIPO #SC2 OU #SC2C3

A posição de ataque, quando preenchida por mais de um segmento, evidencia alterações afetando grupamentos consonantais do inglês que ferem restrições sequenciais do português, tais como os formados por dois segmentos¹⁶ compreendendo fricativa coronal + lateral/nasal ou fricativa coronal + oclusiva.¹⁷ Nestes casos a estratégia preferencial foi a alocação de fronteira silábica entre as duas consoantes e inserção de vogal anterior alta, formando uma nova sílaba travada pela fricativa coronal.¹⁸

Exemplos:	GenAm	Forma nativizada
<i>slogan</i>	['slouɡən]	→ [iʒ 'logẽ]
<i>slim</i>	[slɪm]	→ [iʒ 'lĩ:]
<i>smoking</i>	['smoukɪŋ]	→ [iʒ 'moki:]
<i>spot</i>	[spɒt]	→ [iʃ 'pɒtʃɪ]
<i>stand</i>	[stænd]	→ [iʃ 'tɛdʒɪ]
<i>script</i>	[skɪpt]	→ [iʃ 'kɪpɪtʃɪ]
<i>spray</i>	[spreɪ]	→ [iʃ 'prej]
<i>stress</i>	[stɪs]	→ [iʃ 'tɪɛsɪ]

3.1.3 ESTRATÉGIAS EMPREGADAS EM CODA FINAL

Em final de palavra, quando um único segmento ocupa a coda, registram-se três procedimentos para nativização. O primeiro envolve o segmento obstruinte não nasal (oclusiva ou fricativa não coronal), que passará ao ataque de uma nova sílaba formada

¹⁶ Não estamos considerando aqui a representação gráfica do inglês para <know how> e <knock out> porque os dados de empréstimo de que dispomos aponta para uma entrada tendo por base o modelo oral, onde temos uma só consoante no ataque (a saber, /n/) passível de ocupar esta posição também no português.

¹⁷ Não é relevante aqui se o ataque é formado por apenas duas consoantes ou mais de duas e sim que o português não admite formações em que estes segmentos coexistam no ataque silábico.

¹⁸ Exceções compreendem as formas [si 'lajdʒɪ] e [si 'logẽ.], em que a vogal foi inserida no mesmo local onde incidiu a fronteira silábica, formando com a fricativa coronal uma sílaba aberta. Esta foi, porém, uma escolha pouco freqüente.

pela epêntese de uma vogal anterior alta. Quando a consoante for uma oclusiva alveolar, realizar-se-á como africada pós-alveolar no dialeto carioca, em razão da vogal inserida.

Exemplos:	<i>GenAm</i>	Forma nativizada
<i>top</i>	[tɒp]	→ [ˈtɒpɪ]
<i>tweed</i>	[twi:d]	→ [tuˈidʒɪ]
<i>rack</i>	[ræk]	→ [ˈxɛkɪ]
<i>staff</i>	[stæf]	→ [iʃˈtɑfɪ]

Já as fricativas coronais apresentam um comportamento peculiar porque podem ocupar, no português, tanto o ataque quanto a coda da sílaba e, justo neste caso, encontram-se formas alternativas de adaptação dos empréstimos, com ou sem inserção vocálica.¹⁹

Exemplos:	<i>GenAm</i>	Forma nativizada
<i>flash</i>	[flæʃ]	→ [ˈflɛʃɪ]
<i>stress</i>	[stres]	→ [iʃˈtrɛsɪ]
<i>jazz</i>	[dʒæz]	→ [dʒɛʃ]
<i>tennis</i>	[ˈtɛnɪs]	→ [ˈtɛnɪʃ]

Em se tratando de uma consoante nasal²⁰ ou lateral, o segmento será reinterpretado segundo as regras fonológicas do português: a nasal cairá após nasalizar a vogal precedente e a lateral alveolar sofrerá a vocalização prevista no dialeto carioca, sendo realizada como semivogal, formando um ditongo decrescente com a vogal precedente tautossilábica.

Exemplos:	<i>GenAm</i>	Forma nativizada
<i>boom</i>	[bu:m]	→ [bū:]
<i>doping</i>	[ˈdɒpɪŋ]	→ [ˈdɒpī:]
<i>grill</i>	[grɪl]	→ [grɪw]
<i>jingle</i>	[ˈdʒɪŋɡəl]	→ [ˈdʒĩgow]~ [ˈʒĩgow]

Se a consoante do inglês for vibrante, ela será necessariamente interpretada como múltipla pelo falante carioca e seguirá as regras alofônicas previsíveis: manifestar-se-á na fala por uma fricativa velar [x] ou glotal [h], isto é, não anterior e não coronal, conforme demonstram os exemplos a seguir.

Exemplos:	<i>GenAm</i>	Forma nativizada
<i>poster</i>	[ˈpoustər]	[ˈpoʃtɛx]
<i>laser</i>	[ˈleɪzər]	[ˈleɪzɛx]

¹⁹ Desconsidera-se aqui a diferença de ponto de articulação entre /s, z/ e /ʃ, ʒ/ por entender-se que decorrem de regras do dialeto carioca em que as alveolares tornam-se pós-alveolares em posição pós-vocálica na sílaba, anulando-se a oposição entre elas.

²⁰ Note-se que a nasal velar do inglês, quando representada na escrita pelas letras <ng>, pode entrar por via escrita segundo os procedimentos previstos para grupos de nasal+obstruinte.

No caso de haver mais de uma consoante na coda da sílaba final do empréstimo, estrutura esta inadmissível no português, registram-se os seguintes procedimentos de nativização: se o grupo contiver duas obstruintes ou soante + obstruinte/nasal²¹, o falante irá primeiro ressilabar a seqüência de acordo com o cânone do português e só então reinterpretar os segmentos consonantais à luz das regras fonológicas de sua língua materna. Isto é, uma fronteira silábica incidirá entre as obstruintes ou entre a soante e a obstruinte, sendo que esta última passará quase sempre a figurar no ataque de uma nova sílaba criada pela inserção de vogal anterior alta²².

Exemplos:	<i>GenAm</i>	Forma nativizada
<i>film</i>	[fɪlm]	['fiwmɪ]
<i>kilt</i>	[kɪlt]	['kiwtʃɪ]
<i>surf</i>	[sɜrf]	['surfɪ]
<i>wetern</i>	['wɛstɜrn]	['uɛʃtɛynɪ]
<i>sport</i>	[spɔrt]	[iʃ 'pɔxtʃɪ]
<i>twist</i>	[twɪst]	[tu 'iʃtʃɪ]
<i>must</i>	[mʌst]	['muʃtʃɪ]
<i>xerox</i>	['zi:rɔks]	[ʃe 'rɔkɪsɪ]

Esta estratégia sofre ligeira alteração quando a primeira das duas consoantes, ou seja, aquela contígua ao núcleo vocálico, for nasal. Neste caso, a fronteira é inserida conforme especificado acima, porém a consoante remanescente, além de poder passar ao ataque de uma nova sílaba, pode igualmente cair, ou, se fricativa coronal, associar-se à coda desta mesma sílaba.

Exemplos:	<i>GenAm</i>	Forma nativizada
<i>drink</i>	[drɪŋk]	→ ['drîkɪ]
<i>stand</i>	[stænd]	→ [iʃ 'têdʒɪ]
<i>impeachment</i>	[ɪm'pi:tʃmənt]	→ [î 'pitʃimê:]]
<i>jeans</i>	[dʒiynz]	→ [dʒî:ʃ]

É preciso ressaltar o comportamento peculiar das palavras terminadas por uma só consoante nasal velar no inglês, pelo fato de ser representada ortograficamente pelas letras <ng>. Neste caso, se o empréstimo toma por base a escrita, o falante do português interpreta a forma gráfica como sendo a seqüência [ng] e impõe uma fronteira entre as duas consoantes, seguindo o procedimento já mencionado. Isto faz com que a nasal fique isolada na coda da sílaba e siga a regra geral da língua importadora, caindo após a

²¹ A nasal, por suas características articulatórias, pode ser vista tanto como uma soante não contínua quanto como uma obstruinte.

²² Em palavras com duas ou mais sílabas foi registrada a opção de eliminar a consoante final após a ressilabação, como em [iʃ 'tê:dɛx] do inglês ['stændɜrd].

nasalização da vogal precedente.²³ A oclusiva [g] pode, então, passar à posição de coda de uma nova sílaba, formada pela epêntese da vogal anterior alta, ou simplesmente ser eliminada do plano fonético, esta última opção preferencial em empréstimos com duas ou mais sílabas.²⁴

Exemplos:	<i>GenAm</i>	Forma nativizada
<i>ring</i>	[rɪŋ]	→ ['xĩ:gɪ]
<i>gang</i>	[gæŋ]	→ ['gẽ:gɪ]
<i>happening</i>	['hæpənɪŋ]	→ ['xɛpənĩ:]
<i>marketing</i>	['mɑ:kɪrɪŋ]	→ ['mɑ:kɛtʃĩ]

Estas mesmas estratégias valem para as fronteiras de sílabas internas (inclusive de palavras compostas²⁵), uma vez que o falante, ao incorporar um empréstimo ao seu sistema lingüístico, aplica-lhe as regras de silabação de sua língua nativa. Interpreta cada vogal como núcleo silábico, somando ao ataque da sílaba por ela formada todas as consoantes admitidas de acordo com o padrão da língua importadora. As consoantes remanescentes deste procedimento são atribuídas à coda da sílaba precedente, igualmente obedecidas as convenções silábicas canônicas da língua tomadora do empréstimo. Por último, as consoantes restantes (que não puderam ser silabadas) formarão novas sílabas após inserção de vogal anterior alta, ou serão eliminadas.

Exemplos:	<i>GenAm</i>	Forma nativizada
<i>guardrail</i>	['gɑ:drɛɪl]	[gɑ:dʒɪ'xɛjʊ]
<i>gangster</i>	['gæŋstɜ:]	['gẽ:giʃtɛx] ou ['gẽ:ʃtɛx]
<i>grillroom</i>	['grɪlru:m]	[grɪw'xũ:]
<i>iceberg</i>	['aɪsbɜ:g]	[ajsi'beɪgɪ]
<i>handicap</i>	['hændɪkæp]	[xẽ:dʒɪ'kɛpɪ]
<i>expert</i>	['ɛkspɜ:t]	[ɛkɪʃ'pɛxtʃɪ]

CONCLUSÃO

Conclui-se, com base nos dados examinados, serem apenas duas as estratégias de adaptação de palavras do inglês ao português, seja em situações de empréstimo ou de aquisição de LE: epêntese de vogal ou supressão de consoante. Destas estratégias, a

²³ Ela não cai, de fato, apenas perde os seus traços de ponto de articulação.

²⁴ Cf. nota 25.

²⁵ Neste caso, se a entrada for pela escrita, e os elementos formadores da palavra forem escritos com hífen ou separados por espaço em branco, há que se considerar sua possível interpretação como palavras isoladas.

inserção parece predominante, de vez que a maioria dos dados de empréstimo registra o acréscimo de uma vogal anterior alta, que projeta uma nova sílaba e impõe, desta forma, uma ressilabação. São minoritários os dados de empréstimo em que se dá uma supressão. Nos casos de aquisição de inglês como LE também verifica-se uma predominância da estratégia de inserção, embora a queda de consoante também tenha sido uma estratégia significativamente utilizada. Estas estratégias entram em operação sempre que o falante brasileiro se depara com uma estruturação silábica que foge aos padrões admitidos em sua língua e não são de uso exclusivo em casos de nativização de empréstimos do inglês, nem da produção oral de aprendizes de inglês como LE. Tudo indica que o molde silábico da língua nativa é o primeiro fator a se impor quando o falante se depara com formas estrangeiras. Uma vez tendo identificado os núcleos silábicos nas formas não nativas, o falante inicia um procedimento de silabação que parte de uma escala universal de sonoridade que se ajusta, porém, às restrições fonotáticas específicas de sua língua. Para contornar a impossibilidade de associar determinados segmentos a um dado constituinte silábico é que o falante irá recorrer às estratégias de inserção ou supressão já mencionadas. Desta maneira busca alcançar, como resultado, uma estruturação silábica condizente com os cânones de sua língua, não só no que se refere ao molde silábico em si, como também à projeção máxima de cada constituinte da sílaba e aos segmentos que podem preencher cada uma dessas posições.

Esta constatação repercute diretamente na maneira de conceber o aprendizado de uma LE. Não importa ao aprendiz dominar apenas a produção isolada de segmentos da língua estrangeira sem correspondente em sua língua materna. Mais do que isto, ele precisa depreender as diferenças entre os moldes silábicos das duas línguas e identificar os processos fonológicos que podem alterar a realização fonética dos segmentos conforme a posição que eles ocupam na sílaba.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BISOL, Leda. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *DELTA*, v. 5, n. 2, 1989.
2. BISOL, Leda (org). *Introdução a estudos de fonética e fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUC-RS, 1999.
3. BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: Henry Holt, 1933.
4. BONILHA, Giovana Ferreira Gonçalves; VINHAS, Luciona Iost. Aquisição de onsets

- complexos: militância da hierarquia de restrições da língua materna. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Ano 3, n. 5, 2005. [www.revelhp.cjb.net]
5. CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à fonologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990
 6. CAMARA, Jr., J. Mattoso. *Princípios de Lingüística Geral*. 4ª ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1973a.
 7. _____. *Problemas de lingüística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1973b.
 8. CIPPLONE; N. KEISER S. H.; VASISHTH, S.(orgs). *Language Files*. 7ª ed. Columbus: Ohio State University Press, 1998.
 9. CRISTÓFARO-SILVA, Thaís. *Pronúncia do inglês para falantes do português brasileiro: os sons*. Belo Horizonte: FALE / UFMG, 2005
 10. FREITAS, Myrian A. de. Empréstimos, teoria auto-segmental e abertura vocálica. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. v. 23, 1992.
 11. _____. NEIVA, Aurora M. S. Estratégias fonotáticas na aquisição de Inglês como LE e na nativização de empréstimos no Português. In: KESTLER, Izabela M. F.; NOGUEIRA, Ruth P. ; MELO, Sílvia B. de (orgs). *Estudos anglo-germânicos em perspectiva*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras / UFRJ, 2002.
 12. HOOPER, Joan B. The syllable in phonological theory. *Language* v. 48, 1972.
 - 13.. HYMAN, Larry. The role of borrowing in the justification of phonological grammars. *Studies in African Linguistics*. v. 1, 1970.
 14. MORAES, João Antônio de; WETZELS, Leo. Sobre a duração dos segmentos vocálicos nasais e nasalizados em português: um exercício de fonologia experimental. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v.23, 1992.
 15. PARADIS, Carole; LACHARITÉ, Darlene. Preservation and minimality in loanword adaptation. *Journal of Linguistics* v. 33, 1997.
 16. PRATOR, Jr., Clifford H.; ROBINETT, Betty W. *Manual of American English pronunciation*. New York: Harcourt Brace & Co., 1985.
 17. REBELLO, J. T. *The acquisition of English initial /s/ clusters by Brazilian learners*. Dissertação de Mestrado inédita. Florianópolis: UFSC, 1997.
 18. ROACH, Peter. *English Phonetics and Phonology: a practical course*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
 19. SANKOFF, G. Linguistic outcomes of language contact. In: TRUDGILL, Peter; CHAMBERS, J.; SCHILLING-ETES, N. (orgs). *Handbook of Sociolinguistics*.

- Oxford: Basil Blackwell, 2001.
- 20.. SKOUSEN, S. *Substantive evidence in Phonology*. The Hauge: Mouton, 1975.
 21. VITÓRIA, Renata T. *Estudo das transferências fonotáticas do português carioca para a língua inglesa na produção de clusters com início /s/*. Dissertação de Mestrado inédita. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.
 22. WELLS, J. C. *Longman pronunciation dictionary*. Harlow: Longman, 1990.
 23. WONG, Wai Yi (org). *Language files*. 9ª ed. Columbus: Ohio State University Press, 2004.

RESUMO: Falantes cariocas utilizam as mesmas estratégias fonotáticas tanto na nativização de empréstimos do inglês como no processo de aquisição de inglês como LE. As diferenças de estruturação silábica entre as duas línguas respondem em grande parte pela escolha feita pelo aluno em seu desempenho oral e pelo falante na adaptação de empréstimos do inglês. Este trabalho restringe-se ao exame de processos fonológicos que envolvem constituintes da coda e ataque silábicos e que se mostraram relevantes na análise de mecanismos de nativização de empréstimos e na identificação de marcas de sotaque de estrangeiro na fala de brasileiros aprendizes de inglês. Conclui-se que o molde silábico da língua portuguesa se impõe em ambos os casos, direcionando as escolhas tanto do aprendiz, como do falante usuário do empréstimo, quando se deparam com um molde silábico não contemplado no português brasileiro

PALAVRAS-CHAVE: estrutura silábica; processos fonológicos; estratégias de nativização; inglês língua estrangeira; fonologia de empréstimos.

ABSTRACT: The analysis of borrowing nativization and of Brazilian EFL students' oral performance in English has demonstrated that similar strategies are used in both cases. The foreign syllable patterns tend to be interpreted in accordance with the patterns that prevail for Brazilian Portuguese. Whenever a consonant occurs in a position that is not allowed by the phonotactic rules of Brazilian Portuguese, either the consonant is eliminated or a vowel is inserted and, thereupon, the consonant is transferred to the new syllable. Once a foreign word is resyllabified according to the Portuguese language parameters, all of the phonological processes that are syllable dependent may apply to it. Therefore, syllable constituency has proved to be essential to justify the choices made by Brazilian speakers/students when pronouncing an English word.

KEY WORDS: syllable structure; phonological processes; nativization strategies; English as a foreign language; loanword phonology.